

APERFEIÇOAMENTO

Curso de orientação, seleção e readaptação profissional

MYRA Y LOPEZ

13ª AULA

Técnicas psicanalíticas aplicáveis ao conhecimento e exploração das motivações subconscientes da vocação profissional.

Uma vez que a chamada psicologia profunda tem demonstrado que existe no homem três planos de motivação:

- a) o que se "diz";
- b) o que se "crê";
- c) o que "é"

a atenção dos psiquiatras e dos psicólogos se tem orientado na captação do último, pois somente graças ao conhecimento do mesmo se pode assentar um prognóstico relativamente estável e certo a respeito de ulteriores atitudes profissionais de qualquer indivíduo. Viu-se, efetivamente, em uma aula anterior, que tais atitudes são estáveis somente quando se baseiam na satisfação de uma das tendências primárias da individualidade. Somente uma exploração de tipo psicanalítico, — ainda que breve, pode revelar-nos qual dessas tendências primárias domina na orientação da conduta, e no gênero de vida pessoal.

Por isso é sempre aconselhável submeter todos os candidatos a um trabalho e, principalmente, todos os aspirantes que vão ser orientados, a uma breve exploração dos seus planos pessoais subconscientes.

Tal exploração se verá, desde logo, favorecida e abreviada pela consideração dos dados da biografia objetiva e da auto-biografia, já que em ambos conjuntos de referência veremos quais têm sido os incidentes ou acidentes, que modelaram a evolução natural da individualidade. Além disso, convém empregar, não obstante algumas das técnicas propriamente psicanalíticas. Mas se se tiver em conta a necessidade de não aumentar o tempo de exploração, aquelas técnicas terão de ser escolhidas entre as que proporcionem maior conjunto de dados, com menor esforço e duração. E' por isso que no Instituto Psico-técnico de Catalunha deu-se preferência ao emprêgo das duas técnicas seguintes:

a) *Estudo das respostas verbais e pantomímicas na prova de Yung-Rosanoff*, feita com base nas 100 "palavras — estímulo" clássicas;

b) *Estudo dos sonhos tidos pelo indivíduo durante os dias de sua exploração*, feito com base na técnica mista: análise de associações determinadas e prova de associações livres.

Passamos a descrever, brevemente, a técnica da prova de Yung-Rosanoff. — Para uma avaliação mais rigorosa de seus benefícios deve ser consultado o livro de "Analytical Psychology" de C. Yung (Yale University Press, 1911) ou o "Testbook of Psychiatry de Rosanoff (7.ª ed).

Usa-se, primeiramente, da lista clássica de cem "palavras-estímulos" dispostas em uma fôlha-registro especial para essa prova (V. E. Mira "Fundamentos del Psicanálisis. Ed. Americabee. Buenos Aires — 1943 ou "Psicoterapia" Trad. Brasileira da editora Científica Rio de Janeiro — 1942). Pomos o indivíduo comodamente deitado em divã, convidámo-lo a relaxar-se e a fechar os olhos (para que não se impressione com os objetos que o rodeiam e possa atender melhor às "palavras-estímulos") e dizemo-lhe. "Vou dizer-lhe, em seguida uma a uma, até cem palavras. Tais palavras foram escolhidas, por acaso, entre tôdas as que se encontram no dicionário e constituem portanto uma ampla amostra de tudo quanto é conhecido. Você fará o favor de escutá-las passivamente deixando-se impressionar pelo que elas significam para Você. Mas não deve tratar de defini-las e, simplesmente, receber essa impressão e *dizer em voz alta a primeira reação que ela produza*. Tal reação pode ser uma recordação, uma idéia, uma imagem, uma série de comentários etc. Ocorra-lhe seja o que fôr, faça o favor de não calar e dizê-lo em seguida, *ainda quando lhe pareça nada ter que ver com a palavra dita, ou ser uma tolice*. Não se preocupe em fazer um comentário literário ou exame meditado, *deixe trabalhar o seu pensamento com toda liberdade e pense em voz alta*. Se não lhe ocorrer nada, no momento, espere até que lhe ocorra; mas não fique nervoso".

Não há inconveniente em ampliar estas instruções, esclarecendo as dúvidas que possam surgir de uma compreensão defeituosa, mas *nunca se devem dar exemplos de respostas*, pois em tal caso o indivíduo orientaria tôdas as suas associações de acôrdo com êles. Não se deve esquecer de que existe em todo indivíduo defesa contra qualquer intenção de penetrar em sua intimidade.

Durante a prova é preciso anotar:

- a) As respostas verbais (ao pé da letra) diante de cada palavra-estímulo;
- b) O tempo de reação (segundos decorridos entre a pronunciação da palavra e a resposta examinando);
- c) Todos os gestos, atitudes, etc., com que o indivíduo acompanha sua reação.

Uma vez terminada a prova é conveniente repetir a lista pedindo ao examinado que trate de recordar as respostas que deu a cada uma das palavras (dêste modo não só se explora a capacidade de memória imediata como também o efeito da censura que é exercida imediatamente sobre êsse conteúdo expressivo e que leva freqüentemente a não recordar a resposta inicial e a substituí-la por outra).

Dados que a prova de Yung-Rosanoff proporciona

Em primeiro lugar, tratando-se de uma prova de associações, ela nos dá uma copiosa informação a res-

peito dos tipos de associação predominantes no pensamento da pessoa investigada. Com isso já podemos fazer uma classificação tipológica (Yung baseou fundamentalmente em tais dados a criação dos seus "tipos psicológicos"). É interessante o estudo comparativo da frequência dos diversos modos associativos. Estes são tão constantes que também tem sido utilizada esta prova para exemplo qual dos ascendentes ou familiares de um menino ou jovem está exercendo mais influência em sua criação, pois, há casos em que se obtem coincidência literal nos conteúdos associativos (Assim Yung cita o caso de uma menina que deu na "lista" 92% de respostas idênticas às dadas pelo seu pai somente 3% de idênticas às de sua mãe).

Os dados de maior interesse, contudo, se referem, em primeiro lugar, à descoberta de possíveis "complexos" individuais. Estas vêm assinalados pelos chamados "indícios" ou "sinais" reveladores que são:

- 1) o indivíduo repete a pergunta, como se não tivesse ouvido bem a palavra (com isto pretende ganhar tempo);
- 2) o indivíduo responde rapidamente com uma palavra completamente alheia ao estímulo a que ele tinha previamente preparado;
- 3) o indivíduo repete uma resposta dada anteriormente;
- 4) o indivíduo aumenta desmesuradamente o tempo de reação (que habitualmente não é superior a dois segundos);
- 5) o indivíduo se agita, dá mostras de nervosidade, muda de postura, etc.;
- 6) o indivíduo responde de modo muito vago, sem relação associativa adaptável ao estímulo e afirma que "não serve" para fazer a prova;
- 7) o indivíduo esquece na reprodução haver ouvido esse estímulo e sustenta que não lhe foi dito;
- 8) o indivíduo troca ostensivamente a resposta na reprodução;
- 9) o indivíduo sistematicamente responde com observações referentes ao experimentador (e cita, por exemplo, seus títulos, as coisas com que está vestido, o número e direção do consultório, etc.).

Há alguns tipos pessoais, tais como o "pedante", o "obsessivo", o "esteriotipado", o "introvertido", o "extrovertido" etc., que se preocupam muito com essa técnica, cujo uso teria de ser generalizado entre os orientadores profissionais.

Dados que a análise dos sonhos ocorridos durante o período de exploração proporcionam:

Não há dúvida que o fato de ser submetido a um exame psicotécnico preocupa a todo mundo, e por isso, é freqüente que a situação experimental dê lugar a sonhos. Estes muito freqüentemente se revelam atitudes subconscientes do indivíduo em face do magno problema de seu Destino na vida. Que vai fazer com o seu SER é uma questão fundamental que agora se lhe apresenta com caráter de decisão iminente e em que, para ajudá-lo, intervem muitas vezes, a lembrança dos progenitores, aos quais geralmente se recorre nos momentos de "emergência" e desamparo. A temática de tais sonhos é sumamente interessante, porém, somente pode ser desentranhada com um conhecimento bastante profundo das técnicas psicoanalíticas, e que deverá ser procurado em fontes originais.

LEITURAS RECOMENDADAS

SIGMUND FREUD — Técnica del psicoanálisis. Interpretación de los sueños (en la colección de sus Obras Completas. Biblioteca Nueva).

C. YUNG — Los tipos Psicológicos y Psicología Analítica.

ROSANOFF — Textbook of Psychiatry. 7.^a ed.

E. MIRA — Los fundamentos del Psicoanálisis. Ed. Americalee Baires. 1943.

14.^a AULA

ESTUDO EPITIMOLÓGICO DOS MEIOS DE FORMAÇÃO DE ATITUDES PROFISSIONAIS

Os "formadores" e pedagogos sempre têm desejado poder fixar, quanto antes, os objetivos e fins da educação, com o fito de planificar a conduta e guiar o Ser para a meta de seus propósitos assim predeterminados.

Dêste ponto de vista, o que o "formador" ambiciona seria que, antes de nascer o discípulo, já se houvesse fixado como se quer que ele seja em todos os aspectos existenciais e, por tanto, já se houvesse fixado também qual haveria de ser seu trabalho profissional futuro, com o fim de criar nêle, por todos os meios possíveis, não só o conjunto de hábitos necessários para dominar suas dificuldades técnicas, como também a força afetiva conveniente para assegurar uma atitude ou interesse favorável ao mesmo. Sob a sugestão de J. Urban designa-se com o qualificativo de Epitimologia essa pedagotécnica afetiva dirigida, na medida do possível, a formar sentimentos, isto é, a criar atitudes positivas.

Naturalmente, que com uma orientação democrática da Psicotécnica não é possível decidir "a priori", forçosamente, o que se vai fazer com — nem muito menos, o que vão chegar a ser — os nascidos em uma geração. Entra somente dentro das orientações fascistas, totalitárias, de um Super-Estado que vive — à custa da Sociedade, em vez de a servir, essa concepção hitlerista, segundo a qual, por exemplo, o objetivo primordial da formação educacional na Alemanha era obter que cada alemão chegasse a ser um perfeito soldado e desenvolvesse a obediência, a disciplina, a força e a rigidez necessárias para engrená-lo perfeitamente no lugar que se lhe designasse na tremenda máquina militar nazi.

Não obstante, é certo que em muitos casos, com pleno critério democrático, convém favorecer — e este é o objeto da psicologia publicitária, que se tem desenvolvido intensamente nos países aliados — certas atitudes sociais e profissionais. A atividade que serve para esse fim é a *propaganda*. Quando se trata de conseguir operários ou alunos para novos ramos do trabalho profissional, convenientes à comunidade, como sempre que se deseja atuar sobre as atitudes e a conduta humana, três grandes meios se nos oferecem: *coativos*, *sugestivos* e *persuasivos*.

A epitimologia profissional há de utilizar somente os últimos e só excepcionalmente procurará socorrer-se dos recursos sugestivos (crises econômicas, guerra, etc. podem justificar uma política na qual os interesses da maioria primem sobre os direitos individuais de um modo absoluto). Pois bem: quais serão as técnicas epitimológicas convenientes para conseguir formar uma boa atitude profissional em relação ao trabalho?

Em primeiro lugar: é preciso dignificar o trabalho em si mesmo, de tal forma que, enquanto hoje o ideal de muitas pessoas consiste em não ter de trabalhar, a aspiração, no futuro, de todo indivíduo normal seja a de *merecer a honra de ser admitido como elemento produtor da Sociedade*. Para se obter essa mudança tão radical, se requer, por sua vez, prestigiar a imagem do "trabalhador", não limitando esta palavra aos elementos representativos dos graus inferiores da produção física mas estendendo a todos os setores da produção de valores, que possam ter uma justa apreciação econômica (as chamadas profissões liberais e artísticas).

Em segundo lugar: é necessário fazer compreender a interdependência dos diversos campos de trabalho e conseguir que se julgue do valor profissional não tanto pela tarefa recomendada como pelo efeito com ela conseguido e, sobretudo, pela perfeição, esmero ou boa fé com

que se realize. O que se leva em conta, em definitivo, para todo aprendiz como para todo o mestre, é "a obra bem feita".

Em terceiro lugar: convém desenvolver o sentimento de grupo ou de camaradagem dentro de cada grêmio profissional, não opondo aos demais, mas, pelo contrário, associando-o até formar, cada vez, interações profissionais mais amplas.

O homem trabalha hoje por necessidade, na maioria dos casos: busca nesse trabalho um rendimento econômico e através dele produz de acordo com incentivos dessa mesma natureza (sistema de prêmios e castigos crematísticos). Se, todavia, se alterasse o conceito do trabalho em si; se se alterasse o padrão de valorização no campo profissional; e se se conseguisse favorecer a fraternização dos diversos setores, hoje isolados quando não opostos, no campo do trabalho, é evidente que as atitudes e os rendimentos profissionais seriam muito melhores. Para isto se requer chegar a fazer compreender a cada elemento produtor a solidariedade e a grande unidade que hoje rege imperativamente a vida em cada esfera econômico-social. Requer-se também, que o indivíduo encontre no trabalho um certo gozo ou satisfação criadora -- o que exige se lhe dê uma visão completa do processo elaborador e se lhe proporcione o interesse pelo conhecimento exato do benefício (não proveito) que com seu esforço consegue. Equivale a dizer: é necessário criar um convencimento ético; isto será tanto mais difícil quanto menos aparente seja, ou menos bom, o aspecto moral da obra realizada.

Por isso se faz tão necessário, em alguns trabalhos, intervir constantemente na chamada "moral", ou seja, a tempera e a firmeza de seus operários; isso ocorre na guerra (trabalho destrutor), nas tarefas de fiscalização e de repressão (punitiva), e, também em alguns trabalhos cujo efeito parece ter somente o de provocar um benefício pessoal a quem compra seu produto.

O estudo dos salários

Nenhuma súmula existente é totalmente justa: nem se deve pagar de acordo com o número de conhecimentos (custo de preparação), nem de acordo com a responsabilidade (custo de gasto mental), nem de acordo com horas empregadas (custo existencial), nem tão pouco de acordo com o simples esforço realizado (custo oneroso ou ergológico), mesmo quando este último fosse o mais equitativo. Mas há de se tomar em conta também o fator necessidade (daí os aumentos graduais, de acordo com a idade, número de filhos, etc.). Não cabe ao psicólogo resolver por si mesmo esta questão, mas parece que em geral são preferíveis os sistemas de retribuição não uniformes, nos quais se dá uma margem de compensação ao maior rendimento individual -- avaliado de acordo com os diversos critérios (pontualidade, constância, perfeição, regularidade, etc.), sendo essa margem ou salário "extra" conferida por um conselho, no qual se encontrem proporcionalmente representados todos os setores empregados em cada organização ou célula industrial.

A criação de "heróis do trabalho"

Na U.R.S.S. alcançou-se neste aspecto um nível extraordinário. Partindo do princípio de que é preciso que o indivíduo ame seu trabalho, desenvolveram-se métodos destinados à eleição de tipos representativos de cada trabalho e criaram-se para eles condecorações e satisfações especiais. Os que chegam a ser eleitos como modelos de um determinado trabalho alcançam a categoria de heróis populares e isto desperta um sentimento de emulação. Usa-se então de seu prestígio para estimular outros possíveis camaradas na mesma senda da superação. Esta técnica foi seguida com êxito durante a guerra passada pela "morale branch" de alguns exércitos aliados, com excelentes resultados.

Tribunais de "honra" profissional:

Mesmo em uma Sociedade em que se contraponham os interesses do Capital e do Trabalho, pode-se conseguir excelentes resultados se se constituem tribunais "deontológicos", nos quais, junto a um representante das organizações de empregados haja outro das organizações de empregadores e um "tertium" que seja representante do Estado; tais tribunais servem para estudar e dirimir os casos em que haja um "deficit" de moral (atingindo uma ou ambas partes interessadas).

OBRAS RECOMENDADAS

GABRILOV — Los "heroes del Trabajo" en la U.R. S.S., Ed. Pueblos Unidos.

Encyclopedia of Social Sciences — Mac Millan. Artigos concerning: Work-Wages and Work Unions.

J. URBAN — Epithymologie. F. Alcan, Paris, 1934.

SAPPINGTON — Essentials of Industrial Health. Philadelphia, 1943.

OBRAS ACCESSÓRIAS — Mayo, Elton. The human Problems of and Industrial Civilization Mac Millan, 1934.

CULBERT AND SMITH — Counseling young workers. The Vocat. Service for Jun. N. York, Press. 1939.

SÚMULA 15

Exploração do rendimento intelectual, com fins de orientação profissional. Baterias recomendáveis para a determinação dos aspectos compreensivos assimilativos criador (imaginativo, combinatório) e crítico (reflexivo).

Baterias recomendáveis para a exploração dos aspectos — verbal, especial e abstrato da inteligência.

Como conseqüência do movimento geral da Psicologia moderna no sentido de uma concepção mais global, unitária, sintética e personalista das atividades mentais ficou modificado o critério referente à estrutura do chamado aparelho psíquico, que já não aparece atualmente como um composto de órgãos isolados (correspondentes às diversas "localizações" cerebrais) mas sim que se nos apresenta como u'a mera *inteléquia*, cujos diversos aspectos *funcionais* são os que, de um modo puramente didático e arbitrário, designamos com os qualificativos que na psicologia clássica correspondiam às chamadas "potências" e "faculdades" da alma.

De acordo com isto, torna-se evidente que já não existe um órgão da inteligência, nem sequer, tampouco, uma "função intelectual" isolável. Todas as definições que têm sido propostas para limitar o que se deve entender por inteligência são igualmente válidas, desde que sejam expressas em termos de *rendimento* individual, em face de determinadas *situações*, que requerem tipos específicos de *adaptação*.

Assim, quando se nos diz que a inteligência é a capacidade de ajustar o conteúdo mental à solução de problemas novos, pretende-se, com isso, indicar em realidade, somente, que existe no sujeito uma maior ou menor *eficiência* em resolver as diversas emergências de sua vida e que, de acordo com essa eficiência (rendimento), podemos *interir* a existência de diversas habilidades e disposições de adoção pessoal, às quais denominaremos intelectuais, na medida em que se acompanha de uma possível justificação ou formulação de *etapas planificadas* na conduta. Assim, faz-se consubstancial dos atos inteligentes não só seu rendimento adaptativo satisfatório, como o auto conhecimento do "como" se chegou a obter esse rendimento ("in-sight" equivale a visão interior ou leitura interior: "inte-ligere").

Entretanto, cuidado, pois nem sempre um rendimento satisfatório é obtido pela prévia formulação de um plano de ação (lógica e intuitivamente elaborado); pode ser o resultado do acaso, da obstinação, ou de concausas desconhecidas para o sujeito.

E com isso chegamos ao grande dilema da exploração: devemos decidir sobre inteligência, exclusivamente em função da *preparação teórica*, lógico-conceptual, especulativo abstrata, ou em função do *resultado prático* dos atos individuais? Se considera a primeira como conduta *implícita* (apoiada em dados psíquicos e tente à formulação de normas, leis e princípios gerais) nos daremos conta que também representa uma pura inferência, já que é somente exprimível, também, em termos de *rendimento*. O que, nesse caso, se conclue é que a obra não é um conjunto de atos, mas uma atitude, um critério, uma *postura mental*.

E' por isso que a solução não consiste, como alguns psicotécnicos propuseram, em diferenciar uma inteligência teórica e outra prática, (a primeira principalmente à base de especulação abstrata e a segunda à base de ações e habilidade motoras), mas em diferenciar, em todo caso, uma *fase implícita* (planejamento, criação e auto-contrôle crítico dos esquemas e pautas de adaptação) e outra *fase explícita* (integração, ajuste e descarga dessas mesmas pautas, nas denominadas vias finais comuns "common final paths").

De acôrdo com este ponto de vista, cabe, pois, diferenciar, em primeiro lugar, a atividade pessoal que chamamos inteligência (por dirigir-se à criação de novas adaptações) em três fases, as duas primeiras das quais são implícitas e a terceira é, em parte, implícita e, em parte explícita: a) *compreensão*; b) *hipótese* e c) *crítica-contrôle*. E em segundo lugar, podemos considerar também a natureza dos dados que constituem as bases fundamentais do problema de ajuste-planejado; de acôrdo com elas, ver-nos-emos na possibilidade de diferenciar: a) dados *simbólicos conceptuais* (próprios da vida espiritual: as chamadas idéias, pensamentos abstratos, essências ou "categorias"); b) dados diretamente significativo-verbais (que povoam o mundo inter-pessoal, de expressões e relações sociais); c) dados *físicos, corpóreos ou imediatamente sensoriais* (fenomênicos), ou motores. Em correspondência com esses três tipos de dados, poderemos diferenciar outros tantos rendimentos, a que denominaremos: *intelecto-abstratos; intelecto-mímicos; intelecto-físicos*. Os primeiros permitem inferir a chamada inteligência conceptual, sintética, lógica e abstrata. Os segundos, a inteligência verbal social, comum. Os últimos, a inteligência especial, mecânica, técnica e *prática*.

Assim, encontramos 6 grupos possíveis de correlações nos rendimentos intelectuais, capazes de diferenciar uma tipologia pessoal, quanto a esse aspecto da atividade adaptativa. Há indivíduos principalmente dotados para a compreensão, outra para a criação, outros para a crítica e o controle. Desta mesma forma, há indivíduos aptos de preferência para a concepção, outros para a expressão, outros para a ação tópica. E, correspondente, há trabalhos que requerem predominantemente um ou outra dessas potencialidades. E, por isso que, no Instituto Psicotécnico de Catalunha, foram, pelo prof. Mira y Lopez e seus companheiros de trabalhos, investigados, desde 1920, por meio de provas e baterias especiais, os rendimentos relativos dos candidatos em cada uma dessas modalidades de ajuste pessoal, ante situações vitais.

Provas recomendáveis para a exploração do aspecto compreensivo-assimilativo do rendimento chamado intelectual.

Eram escassas, em 1920, essas provas, quando o insigne psicólogo Ed. Claparède chamou a atenção sobre este fato fundamental: "ver e compreender que existiu um problema, e, portanto, desadaptar-se ante a rotina, é já ter inteligência". Essa aptidão de captação descobrimento ou

revelação, que produz uma inquietação inicial, visto que exige a necessidade de adaptar-se de outro modo a realidade que é, assim, configurada distintamente como o era até então, comporta, *ipso-facto*, a possibilidade de por em marcha os recursos técnicos, já conhecidos, que pareçam mais apropriados para conseguir a nova adaptação. Isso equivale a "assimilar" na nova situação (ou se quisermos, a *incorporar* na nova configuração do campo situacional) esses recursos. Se, no entanto, o problema é de tal natureza que requer criação de novas técnicas, isso não bastará para conseguir a adaptação e é então que entra em jogo a capacidade de *criação* (quase sempre consistente em um juízo *educativo*, ou seja, não *indutivo*, nem *dedutivo*, que caracteriza a hipótese).

De acôrdo com isto, os reativos mentais mais apropriados para explorar este tipo de inteligência são aqueles em que se dá um texto no que surgem *novas relações significativas* de um material já conhecido e, de acôrdo com elas se pergunta ao sujeito como deve reestruturar sua atitude mental diante dele.

À base dessas provas de compreensão e assimilação foi composta a primeira parte do material de testes para o exame de seleção de admissão em Ciências e Letras da Universidade Autônoma de Barcelona; da mesma forma, com itens mais simples porém, foram feitas as provas de seleção para os Cursos de "Nurses" sanitárias no Uruguai. Os resultados deste último tipo de provas foram excelentes e haverá ocasião de estudá-los e comentá-los nas sessões de seminários correspondentes.

Provas recomendáveis para a exploração do aspecto "criador" do rendimento intelectual.

São as mais difíceis de elaborar; quase tôdas as que se conhece sob a denominação de provas de "combinação", têm, de certo modo, um aspecto criador, mas não suficientemente destacado. O melhor tipo é aquele em que se descreve, com toda a nitidez, um problema, apresentam-se as soluções correntes, isto é, possíveis e já conhecidas — pedindo ao sujeito que proporcione outros, ou melhor, que imagine, ou crie, adaptações *originais*, que sejam viáveis (ainda que, naturalmente, careçam de controle da experiência). Um tipo bastante conhecido desta prova é encontrado no teste de "situações complexas" de Webb.

Provas recomendáveis para a exploração do aspecto "crítico" (de controle reflexível do rendimento intelectual):

A estrutura destes testes consiste em dar um material para rever, no qual vários erros que devem ser descobertos. Segundo se trate de um material conceptual (provas de provérbios e silogismos), verbal (provas de construção gramatical) gráfico (provas de comparação de figuras e relações especiais), este tipo de prova poderá apresentar correlação, mais ou menos, com o correspondente homólogo das anteriores.

LEITURAS RECOMENDADAS

— *Symposium sobre The Nature of Intelligence*, no VIII Congresso Internacional de Psicologia de Oxford.

— E. Mira: *Que esla Inteligência?* Rev. de Pedagogia — Madrid — Oct. de 1923.

— Leituras recomendadas acessoriamente.

— Terman-Merril — *Measuring Intelligence* — H. Mifflin Co. 1937.

— Thomson — *The Facial Analysis of Human Ability*. Id. 1939.

— Thorndike — *The Measurement of Intelligence*. Teachers College. New York.

— Wechsler — *The Measurement of Adult Intelligence*. W. Wilkins. 1941. Pintner — *Intelligence Testing*. H. Holt, 1930.